J.J. Camargo



J.J. Camargo é cirurgião torácico, diretor do Centro de Transplantes da Santa Casa de Porto Alegre e membro titular da Academia Nacional de Medicina

jjcamargo.vida@gmail.com - Instagram: @jjcamargo.cxtoracica

O estelionato da compaixão

Triste de uma sociedade que aceita o arremedo como solução e a mediocridade como consolo

Mesmo indivíduos dotados de incontestável responsabilidade social estão sujeitos a dias aziagos, nos quais proferem leviandades – ou condescendências – que prefeririam apagar de suas biografias. Foi sob o manto desse infortúnio retórico que ganhou passe livre a máxima covarde de que, para a população mais desassistida, "qualquer médico é melhor do que médico nenhum". A frase, dita com a frouxidão de quem jamais será atendido num pronto-socorro precarizado, carrega a perversidade de aceitar a indigência técnica como destino inevitável dos vulneráveis. Triste de uma sociedade que aceita o arremedo como solução e a mediocridade como consolo.

Constrange pensar até que ponto a complacência com essa premissa espúria alimentou o bilionário mercado do ensino médico – esse rentável filão comercial mercantilizado sob o disfarce da benevolência social. A consequência, contudo, é irrefutável: a proliferação desenfreada de faculdades sem alma, erguidas sob a égide inescrupulosa daqueles que negociam a esperança alheia.

É preciso expor a dor do estelionato sentimental sofrido por famílias inteiras que, movidas pelo sonho nobre e ancestral de ver um filho diplomado, empenham o patrimônio de uma vida e assumem dívidas sufocantes. Na festa de formatura, chora-se de orgulho; no dia seguinte, descobre-se o abismo. Ao final do ritual, deparam com a dura realidade de um jovem tecnicamente desarmado e tragado por um mercado hostil, saturado e desprovido de compaixão. O recém-formado percebe, com pavor, que possui o anel e o canudo, mas não possui o ofício.

A evidência dessa formação indigente – tão absurda quanto pretender diplomar pilotos de avião dispensando as horas de voo real – foi escancarada sem pudor pelos exames nacionais destinados a aferir a competência dos egressos desses simulacros de academia. O diagnóstico é cristalino: estamos multiplicando papéis, não médicos.

MATEUS BRUXEL, BD 24/09/2014



Há uma proliferação desenfreada de faculdades de Medicina sem alma

É estarrecedor projetar as próximas décadas. Cerca de 50 mil novos formandos aportarão anualmente no mercado, oriundos de instituições sem hospital-escola, onde a medicina é ensinada em telas e onde o aluno se forma sem jamais ter segurado a mão de um doente ou escutado o murmúrio de um pulmão grave. Privados do aprendizado beira-leito pela mentoria dos velhos mestres e sem perspectiva de residência médica, dada a escassez estrutural de vagas, esses jovens serão empurrados para as trincheiras do atendimento.

E é aí que se revela o perigo iminente que aguarda o paciente na ponta da linha. Serão esses egressos inseguros – vítimas também de um sistema mercantilista – os encarregados da saúde e da vida daqueles que mais carecem e de protegê-los exatamente no momento em que a linha entre a vida e a morte depender da precisão de um gesto.

O diagnóstico é cristalino: estamos multiplicando papéis, não médicos

Acatar passivamente esse descalabro, calando-nos ante o delírio irresponsável de gestores e empresários da educação, equivale a assinar um atestado de profunda indiferença pelo futuro dos nossos pacientes. Se aceitarmos que a arte médica perca seu rigor e sua humanidade no balcão do comércio, a tragédia vindoura não será apenas da responsabilidade de quem a vendeu, mas, sobretudo, da nossa própria cumplicidade. ▬

CONEXÃO DIGITAL

Aponte a câmera do celular para ler as colunas anteriores